

A Freguesia de Santiago na Lisboa de Seiscentos: Um Retrato Social

Delminda Rijo
Francisco Moreira

Gabinete de Estudos Olisiponenses da
Câmara Municipal de Lisboa

O Projecto “Reconstituição de Paróquias e História da População de Lisboa: Século XVI até ao Terramoto de 1755” integra-se num projecto nacional¹ que na CML é desenvolvido no GEO, pelo núcleo de Demografia Histórica e História Social de Lisboa² sob orientação e mediante aplicação da metodologia de Reconstituição de Paróquias teorizada por Norberta Amorim.³

Constituído em finais da década de 90, este grupo de trabalho tem como principal missão a apreensão da vivência das comunidades que habitaram Lisboa até ao grande terramoto, manifesta nos ciclos de vida, no seu movimento natural de nascimentos (baptizados), casamentos e óbitos e que sobrevieram até nós através das fontes eclesiásticas, sobretudo os registos paroquiais - um fundo documental de valor histórico inestimável para a preservação da nossa memória colectiva.

Iniciámos a investigação de reconstituição com as paróquias do **Castelo, Santiago, Santa Catarina, Mercês e Encarnação**, espaços significativos da cidade, com expressiva densidade populacional e implantação na malha urbana.

¹ “Espaços Urbanos e Rurais: Micro-análise de comportamentos demográficos, de mobilidades geográfica e social e dinâmicas culturais (séc. XVI-XX)”, no âmbito do Programa Sapiens, Proj. 99 da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

² com o apoio do Núcleo de Estudos de População e Sociedade da Universidade do Minho e sob protocolo com a Torre do Tombo, que é a entidade fornecedora da documentação microfilmada dos livros de assentos sacramentais de baptismo, casamento e óbitos, as principais fontes utilizadas nesta investigação histórica.

Recentemente integradas no projecto, temos as freguesias de **Santa Engrácia** e **São Sebastião da Pedreira**, desta feita limítrofes ao centro urbano e de feição semi-rural, mas é nosso objectivo congregar a informação contida nos registos paroquiais das freguesias que compunham a Lisboa pré-pombalina, cujo repositório é diariamente sujeito a leitura e transcrição fiel das fontes, simultaneamente constituídas em bases de dados de indivíduos genealógicamente encadeados.

A exploração e interpretação dos dados, perspectiva-nos a recriação das comunidades em estudo nas suas variadas manifestações, beneficiadas sempre que possível, com recurso a outras fontes históricas de origem civil, militar ou eclesiástica. Deste modo, reunimos material de qualidade para produção de projectos de demografia histórica e história das Populações, quer sejam de reconstituição de famílias, de paróquias ou outras comunidades.

Desde já, temos disponíveis na internet as paróquias reconstituídas do **Castelo**, **Santiago** e **Mercês** com um total de 65.998 indivíduos, e integrados em bases em construção/reconstituição 77.661, o que nos dá um total de 143.659 indivíduos cujos actos vitais chegaram até nós.

Conjugando as inúmeras possibilidades de estudo e a integridade das séries paroquiais, com os resultados quantitativos e qualitativos da base reconstituída, a nossa abordagem foi no sentido de retratar histórica, social e demograficamente a freguesia de Santiago no Século XVII.

2. contextualização histórica

O espaço da actual freguesia de Santiago é seguramente, no espectro da cidade de Lisboa, daqueles onde a ocupação humana é mais antiga. São ainda visíveis vestígios dos povos que passaram por ali, sendo o mais marcante as ruínas do Teatro Romano. Enquanto paróquia não é possível determinar a data exacta da sua fundação – a referência mais antiga a Santiago data de 1299. É hoje em dia substancialmente maior do que no século XVII uma vez que ao seu território foram anexadas as freguesias de S. Bartolomeu, em 1770, e de S. Martinho, em 1836.

Nos primeiros séculos da nacionalidade a freguesia assume, pelo seu centralismo no tecido urbano, um papel de relevo na dinâmica da cidade. Veja-se a realização, no Chão

da Feira, do mercado semanal da capital, a implantação do Hospital de S. Paulo que daria origem ao Convento dos Lóios, fixação da aristocracia, entre outros.

Com a era dos Descobrimentos o centro nevrálgico da cidade transfere-se para a zona baixa e ribeirinha da cidade. Em Santiago os efeitos dessa transferência não se fizeram sentir de imediato; ainda que gradualmente fossem surgindo (o mercado do Chão da Feira passou a realizar-se no Rossio), a freguesia, que por exemplo em 1551 contava cerca de um milhão de habitantes, manteve pelo menos no médio prazo algum do seu estatuto.

No início do século XVII constata-se uma acentuada quebra demográfica com o número de habitantes em 1620 a descer para cerca de 400. E se este facto pode, em certa medida ser analisado como evidência de declínio, é também de salientar que são poucas as mudanças na vida da freguesia e no seu papel discreto mas presente dentro de Lisboa, assiste-se à construção de novas igrejas e reabilitação de antigas, o mesmo se verificando com os palácios da nobreza aí residente, de assinalar ainda a assinatura em 1668 no Convento dos Lóios o tratado de Paz entre Portugal e Espanha.

O terramoto de 1755 marcou definitivamente um ponto de viragem para Santiago, não tanto pela destruição mas pelo deslocar da vida da cidade para outras zonas. A partir de aí assiste-se a um período de algum abandono que durou todo o século XIX e que só na segunda metade do século passado se começou a inverter. Hoje Santiago é uma freguesia que fruto de uma dinâmica cultural, de uma inegável veia turística e das constantes melhorias sociais e de infra-estruturas; mantém o seu papel na vida da Capital.

Situado entre dois séculos emblemáticos para Lisboa, o XVI, seu período áureo, e o XVIII, marcado pelo terramoto e consequente reconstrução; o século XVII pode ser definido como uma época de impasse. Impasse económico entre a riqueza dos Descobrimentos e o ouro do Brasil, impasse político entre a dinastia de Aviz e o estabelecimento da Casa de Bragança, impasse arquitectónico entre o burgo medieval e a urbe pombalina

Com o alvor da centúria de 1600, encontra-se Portugal sob domínio da coroa de Espanha; e se com Filipe II de Espanha, que reinou até 1598, houve um grande investimento em Lisboa tanto a nível de infra-estruturas (o Torreão do Terreiro do Paço e S. Vicente de Fora) como de prestígio político (chegando a ser aventada a hipótese de ser capital espanhola), tal foi sendo descontinuado pelos seus sucessores – de facto a presença espanhola no século XVII está associada ao declínio da cidade, para o qual, enquanto força governante e ocupante, contribuiu decisivamente.

A Lisboa Filipina e da Restauração é uma urbe com uma população rondando os 120.000 habitantes, dos quais se excluem cerca de 10.000 escravos, com uma significativa presença de estrangeiros decorrente do seu carácter marítimo e comercial, marcada por uma crescente insegurança e aumento de criminalidade. Muitas vezes associada a um labirinto (do qual apenas o Bairro Alto se contrastava, e que a tornava caótica para o trânsito de carruagens), a sua planta era também desprovida de edifícios e palácios marcantes, sendo os de maior destaque os já referidos Mosteiro de S. Vicente de Fora (que serviria de paradigma para a arquitectura religiosa no ultramar) e Torreão Real no Terreiro do Paço, praça que dividia com a do Rossio o estatuto de centro nevrálgico da cidade. Nela se multiplicavam conventos e mosteiros misto de fervor religioso e de escape social principalmente para as mulheres e para os filhos segundos da nobreza.

Em suma poder-se-á dizer que Lisboa no século XVII é uma cidade que foi durante o período Filipino fortemente, e a vários níveis, desinvestida, fruto da política externa espanhola e de motivos decorrentes da relação ocupantes-ocupados; e que após a Restauração encontrou grandes dificuldades para se reerguer, quer pela Guerra da Restauração que se arrastou por cerca de 30 anos, quer pela própria dinâmica da cidade que não conseguia gerar desenvolvimento. Tal só aconteceria com o ouro do Brasil mas esse só chegaria no início do século do XVIII.

3. Aspectos Globais da Demografia de Santiago no Século XVII

3.1 Composição Sócio-Profissional

Ainda que o reduzido número de dados existentes para a composição socioprofissional não permita fundamentar ou aprofundar qualquer tipo de conclusão; a informação recolhida de um modo geral confirma o retrato traçado para Santiago.

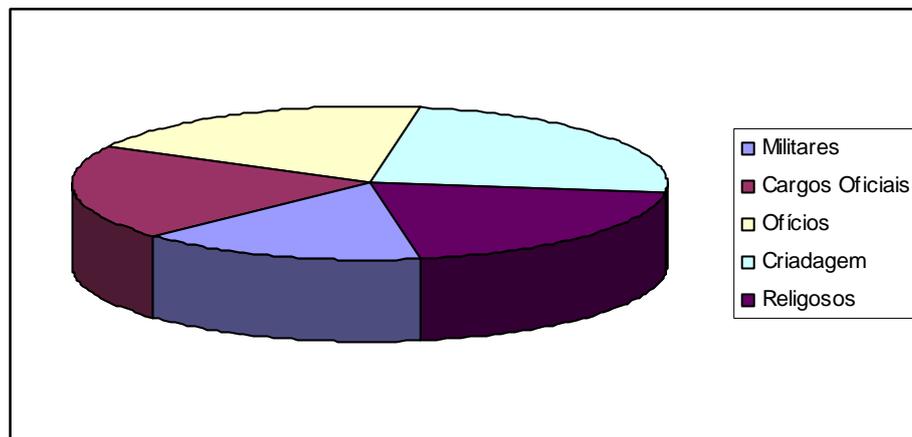
Os militares constituem o grupo que surge em menor número o que se pode explicar pelo facto de não existir na freguesia nenhuma infra-estrutura militar. Em termos cronológicos é o grupo mais instável notando-se uma quebra entre as décadas de 20 e 70. Pelo contrário a categoria dos Religiosos é aquela cuja homogeneidade na distribuição cronológica é mais evidente – o que se pode justificar pela presença do Convento dos Lóios. Nos cargos oficiais, ainda que não se verifique de forma tão

regular, a homogeneidade também está patente. O grupo dos Ofícios apesar de bem representado sofre uma redução drástica no número de efectivos na segunda metade do século que contrasta com a forte presença nos primeiros cinquenta anos. Essa mesma redução, de forma bem menos drástica, se verifica no grupo constituído pelos serviçais sendo que este é o mais numeroso.

A estas categorias se acrescem os escravos e os nobres. São 160 escravos da paróquia – a maioria dos quais distribuídos por pequenos proprietários de 1 até 3 escravos, sendo 81 os proprietários. Indivíduos com título nobiliárquico são em número de 127, desse 14 usam o título de Dom e 102 de Dona, os restantes possuem outros títulos como por exemplo Conde e Condessa do Prado.

Perante estes dados podemos afirmar que a distribuição profissional equitativa, mesmo para os grupos de elite, vai de encontro à realidade social acima referida – nomeadamente a fixação da aristocracia e a presença do clero. Também a evolução cronológica em cada uma das categorias sócio-profissionais se coaduna com o que atrás foi dito quer para a freguesia quer para a cidade. Assim, e não sendo suficiente o número de registos para deles se retirar qualquer conclusão, verifica-se que pelo menos eles não vão contra o retrato que se tem para Santiago.

Gráfico I – Composição Sócio-Profissional de Santiago – Século XVII



Fonte: Registos Paroquiais de Santiago

Quadro I- Composição Profissional Freguesia de Santiago – Século XVII

Grupos Profissional	Ofício	Quant.
Militares	Soldado (15), Capitão (11), Bombardeiro (1), Capelão (2), Guarda do Limoeiro (3)	32
Cargos Oficiais	Alcaide (3), Apontador-mor (1), Chanceler – mor (1), Desembargador (6), Desembargador Agravos (2), Governador (1), Secretário da Rainha (2), Corregedor Crime (3), Escrivão de Notas/Cível/Relação (3), Deputado Mesa Consciência (1), Solicitador (1), Juiz (2), Doutor (12), Conde do Prado (1), Conde Regedor (1), Porteiro da Casa da Índia (1)	41
Ofícios	Atafoneiro (2), Carpinteiro (1), Cerieiro (9) Barbeiro (2), Boticário (3), Cirurgião (1) Alfaiate (1), Mareante (1), Sapateiro (3), Ferrador (3), Trabalhador (4), Serralheiro (1), Aguadeiro (3), Almocreve (1), Pasteleiro (3), Tecideira (1), Tendeira (1), Confeiteira (1)	41
Criadagem	Criadas (16), Criados (22), Pagem (3), Ama (1), Homem de Esporas (1), Homem de Pé (2), Cocheiro (2), Escudeiro (2), Cozinheiro (1), Peão (1)	50
Religiosos	Padre (36), Escrivão do vigário (1), Provisor Arcebispado (1), Regedor (Bispo) (1), Inquisidor (2), Meirinho Geral Clérigos (1)	42
Total		207

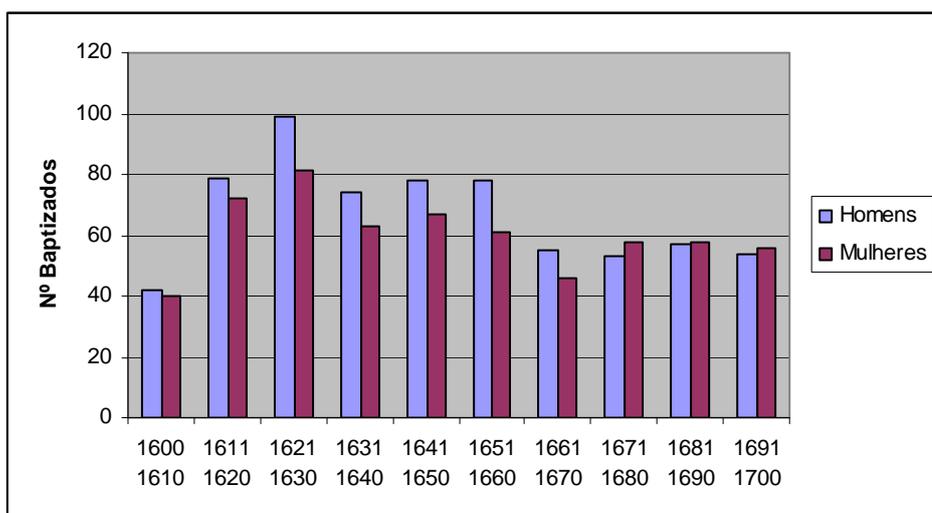
Fonte: Registos Paroquiais de Santiago

3.2. Baptizados

A precariedade que envolvia o nascimento e a exposição do recém-nascido ao meio adverso fazem da mortalidade infantil elevada apenas mais uma característica do período, pelo que a igreja, em acção de prevenção e salvaguarda das almas, aconselhava o baptismo nos primeiros dias após o nascimento e contemplava o baptismo urgente, recurso bem patente na quantidade de idas à igreja somente para imposição dos santos óleos, sempre precedida “por necessidade” de baptismo em casa.⁴ É neste quadro de fragilidade que se registam nos livros de baptismo de Santiago no século XVII 1.271 indivíduos, com ligeira maioria de meninos (669 H, 602 F). Gráfico I

⁴ procedimento tão frequente que suscitava dúvidas, como aconteceu com Manuel de Oliveira⁴, falecido com 15 anos sobre o qual o pároco escreve "o qual baptismo fiz sub conditione por quanto tive certa presunção da parteira que o baptizou em casa nascendo a necessidade de perigo e para descargo de minba consciência o baptizei sob a dita condição" ..

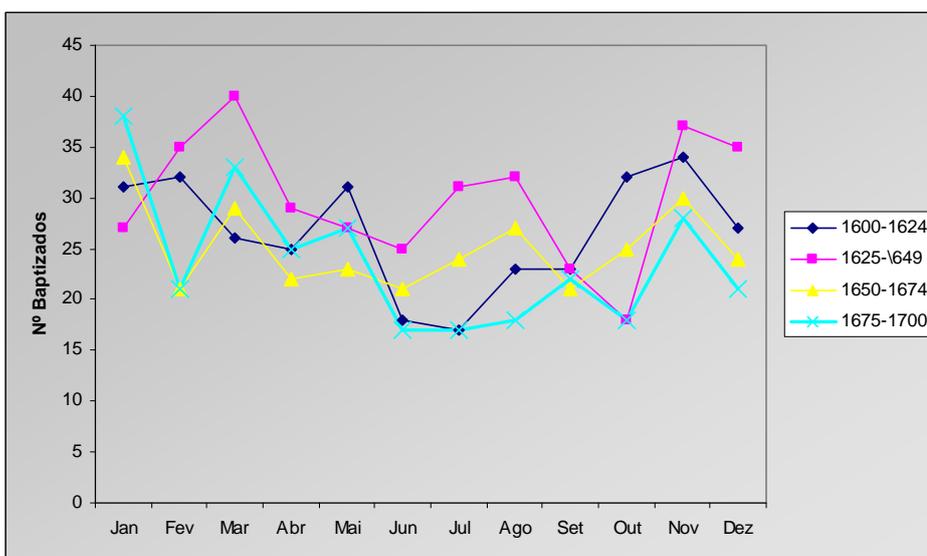
Gráfico II – Baptizados de crianças nascidas na Paróquia de Santiago (séc. XVII)



Fonte: Registos de Baptizado Santiago (1600-1700)

Da observação do gráfico II constatamos que a primeira metade do século assiste a um maior número de baptizados, numa média de 13/ano, começando a decrescer a partir da década de 60 estabilizando até ao final do século, com uma média de 11/ano, a excepção para este período é um pico registado em 1657, com 22 baptizados. Da observação por décadas, destacam-se os anos de 1620-29 com um volume de 184 baptizados, sendo a década de 1670 a menos fecunda, registando somente 107 baptizados.

Gráfico III – Sazonalidade dos Nascimentos



Fonte: Registos de Baptizado Santiago (1600-1700)

Os meses de Janeiro, Março e Novembro foram os que registaram maior numero de baptizados e Junho o mês com menos ocorrências, correspondendo ao Outono e Inverno as estações em que mais se nasceu.

Quadro II- Legítimos, Ilegítimos e Expostos

	Legítimos	Ilegítimos	Expostos	Total
1600-1609	73	1	3	77
1610-1619	123	4	8	135
1620-1629	174	7	3	184
1630-1639	128	10	1	139
1640-1649	130	11	1	142
1650-1659	137	7	0	144
1660-1669	103	3	3	109
1670-1679	102	4	1	107
1680-1689	107	3	1	111
1690-1700	118	3	2	123

Fonte: Registos de Baptizado Santiago (1600-1700)

O Quadro II expressa os baptizados segundo o tipo de união em que nasceram, com c. 6% dos indivíduos ilegítimos ou expostos, fruto de casais ilegítimos ou em que um dos progenitores era incógnito, normalmente o pai, com mãe conhecida. A ilegitimidade quase nula no início do século, marcou a existência de 53 crianças, sobretudo meninas, elevando-se o número de nascimentos ilegítimos nas décadas de 30 e 40, com c. de 37% das ocorrências do século.

O contributo dos escravos é considerável neste cômputo, pois dos 47 baptizados em que pelo menos um dos progenitores é referenciado como escravo ou forro, isto é, c. 4% do total de baptizados, e ainda que a maioria de nascimentos tenha ocorrido no seio de uniões legítimas, 12 nasceram no âmbito de relações ilegítimas, em que ambos assumiram a responsabilidade da paternidade e 14 crianças eram filhas de mãe escrava e de pai incógnito, representando 26,5% dos casos de ilegitimidade da freguesia, fenómeno transversal à cidade concomitante com ao período de vigência da escravatura.

A frequência de casos de crianças expostas não foi muito significativa, estando registadas 23 crianças nesta condição, mais uma vez maioritariamente raparigas, com um aumento expressivo (8) entre 1614-1619, em concordância com a conjuntura de maus anos agrícolas, carestia, epidemias e tensão urbana, ciclos de crise quase contínuos em todo o século.

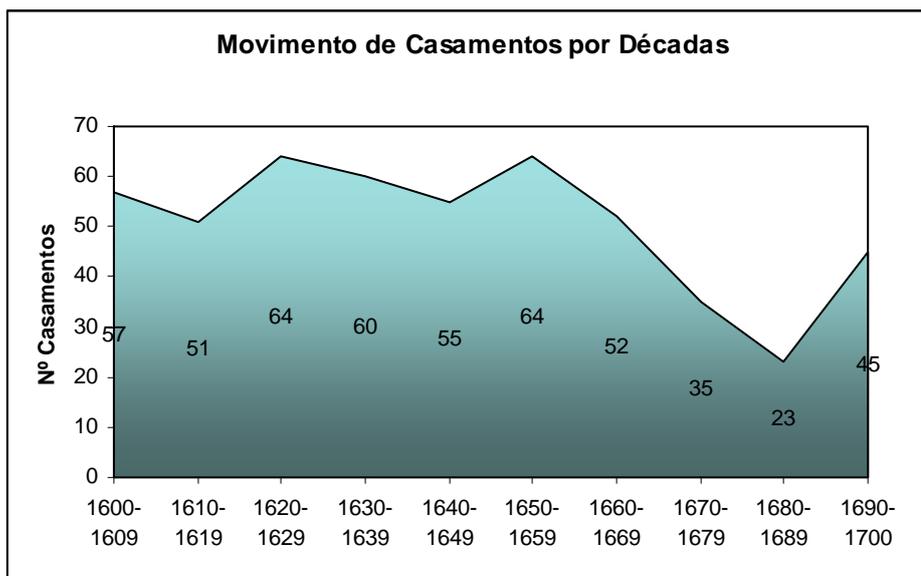
Os casos de exposição de menores contêm por vezes detalhes que indiciam os motivos e as intenções do acto, como por exemplo o registo de Francisca “enjeitada no pátio de S. Brás”, ou Maria que “foi levada para a roda por não haver quem a criasse” (22-11-1686) ou ainda a Maria que em Janeiro de 1601 “enjeitaram ao adro de D. Jerónimo”, observando-se aqui algum “cuidado” na escolha do local – com características de sagrado, providencial ou privilegiado, mas que pudesse assegurar a continuidade da criança.

3.2. Casamentos

Contrariamente aos nascimentos e óbitos, agentes directos nos efectivos populacionais, os casamentos, enquanto indicador demográfico também exposto à instabilidade e condicionamentos gerados pelas crises conjunturais do século XVII, agem no movimento natural das populações através do número de nascimentos que propiciam⁵. (Gráfico IV)

Em Santiago celebraram-se 506 matrimónios, registando-se vários picos na curva de nupcialidade com maior concentração na primeira metade do século e um decréscimo do número de enlaces na 2ª metade, com 8 anos do ciclo a registarem somente 1 casamento, com correspondência na depressão da curva de baptizados, valores que pesam significativamente num quadro paroquial em que a média é de 5 casamentos/ano.

Gráfico IV



Fonte: Registos de Casamento Santiago (1600-1700)

⁵ Maria Lourdes Akola -

As mulheres são em maioria nas primeiras núpcias (441/438), tendência que se inverte nos segundos casamentos (65/62), mais numerosos nos anos de 1645, 1650 e 1661 para os homens e os biénios 44-45 e 47-48 para as mulheres, (13% e 12% respectivamente), incremento que se verificou após a conjuntura de crise dos anos 30 e em pleno enquadramento de sobre mortalidade dos anos 60, comprovando que os anos posteriores a períodos de mortalidade elevada serem férteis em casamentos, porque viúvos contraem segundos casamentos ou porque a morte de familiares e as respectivas heranças permitem a criação de novas unidades familiares.

Cerca de 3% (15) dos casamentos envolveram escravos, sobretudo entre negros e negros e mulatos, na sua maioria partilhando a mesma condição, à excepção de um casamento com um forro e 2 com livres, com a maioria (53%) destas uniões a não gerar descendência ou pelo menos esta não ficou registada na paróquia.

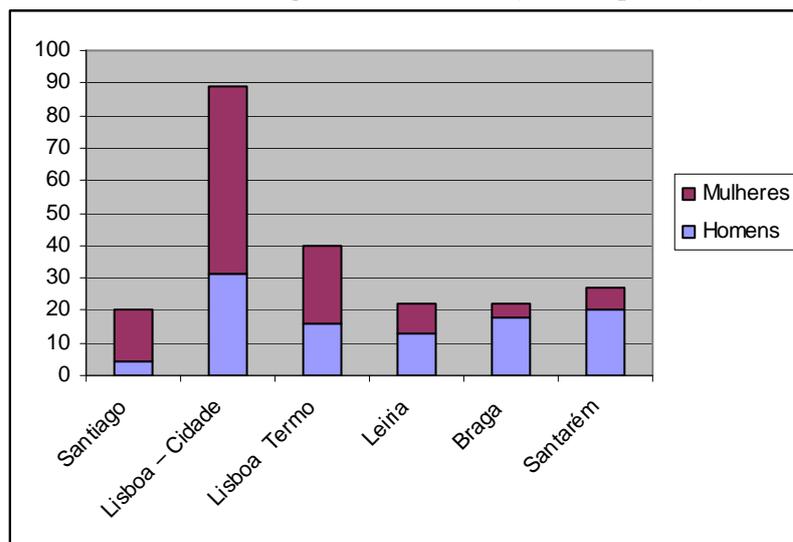
Quanto à sazonalidade, o Inverno é a estação mais recorrente, com o mês de Fevereiro, precedente à Quaresma, a registar mais enlances, distribuindo-se os restantes sem oscilações acentuadas, à excepção do mês de Dezembro com apenas 30 ocorrências em todo o século.

A celebração da maioria dos matrimónios decorreu na igreja paroquial, com excepção de famílias nobres ou poderosas que se uniam por norma nas suas capelas e oratórios particulares⁶, mas outros pretextos podiam determinar a sua realização noutros lugares como o caso de uma doença grave e a urgência em legitimar uma união “solta” antes da morte que foi o que motivou o casamento de Margarida Pinheiro com Francisco Nunes, (26-04-1655), que “tiveram que casar no hospital d'El Rei porque Francisco Nunes estava em perigo de vida”, ou Manuel Henriques, que casou por “palavras de presente” com Maria de Macedo, com quem vivia,⁷ na casa do desembargador António da Silva e Sousa, 13 dias antes de morrer.

⁶ com o que nos deparámos por exemplo no casamento do conde Dom Francisco Carneiro, que casou por procuração (passada ao conde do Prado em 08-08-1672) com Dona Eufrásia Filipa de Noronha no Oratório do Marquês de Minas

⁷ tendo sido recebidos na casa do Desembargador António da Silva e Sousa. Casaram no dia 16 de Janeiro de 1666

Gráfico V – Locais de Origem dos Nubentes (mais frequentes)



Fonte: Registos de Casamento Santiago (1600-1700)

A mobilidade é um elemento marcante das sociedades de Antigo Regime e o registo de casamento é uma fonte incontornável para avaliar a migração interna e o seu papel nos efectivos populacionais, considerável neste caso, a avaliar pelo número de indivíduos forasteiros que contraem matrimónio em Santiago, podendo-nos elucidar sobre os locais que mais contribuíram para os circuitos migratórios. Gráfico V

A diversidade caracteriza este grupo, sendo que à parte a população das diversas freguesias da cidade, sobretudo das contíguas ou do centro urbano e ribeirinho e do termo, foram os distritos de Leiria, Braga e Santarém os mais assíduos nos assentos de casamento no decurso do século.

Os contraentes naturais da cidade de Lisboa, com maioria de mulheres da freguesia, predominam em ambos os sexos, por outro lado, quanto mais longínqua é a comarca de origem, maior é o número de homens, pois estes dispõem de maior mobilidade em grandes distâncias, faziam-no sem constrangimentos, podendo deslocar-se em grupo, em família ou isolados, ao passo que as mulheres, em maioria da cidade e do seu termo, dispunham de um raio de mobilidade reduzida e normalmente migravam integradas em grupos familiares.

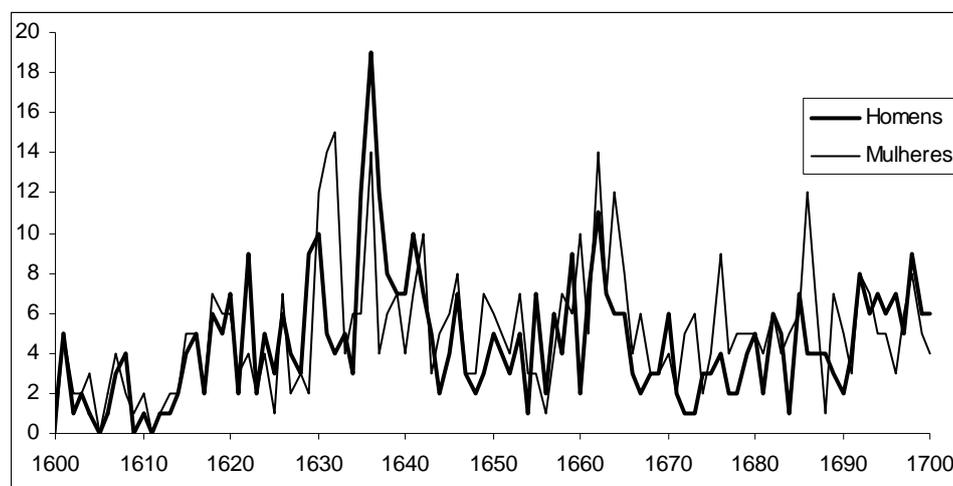
As relações familiares, de vizinhança ou outras criadas em grupos sujeitos a migração, transpostas do meio rural para o cenário urbano são bem visíveis nesta série documental. Vejamos alguns exemplos: Eva Maria, Maria Rebelo e Domingas Pedrosa, mulheres naturais da freguesia de Santo André, da aldeia de Cela, (Alcobaça) casaram em Santiago. As duas primeiras casaram em 1693 com indivíduos de Santarém e a

terceira, que tinha enviuvado na sua aldeia, casou um ano mais tarde, com Domingos Luís, natural dos Olivais. Esta poderia ser aparentada com Maria Rebelo, visto que os progenitores partilhavam o apelido Madeira. Outro caso, em que ambos nasceram na mesma aldeia, Santo Estêvão, Fanhões (Chaves, Vila Real) e tendo migrado para Lisboa, passaram a morar, eventualmente com familiares, em paróquias distintas: António Fernandes, na Sé, e Lourença Maria, em Santiago. Casam (19-09-1695) e estabelecem a sua residência em Santiago pelo menos até ao nascimento do seu filho José. (07-04-1699)

O assento de casamento além dos dados quantitativos, transparece ainda práticas reiteradas como a fundação de famílias propiciada pela proximidade ou por pertença ao mesmo grupo sócio profissional, como os escravos ou criados de uma mesma casa.⁸

3.3. Óbitos

Gráfico VI – Movimento de óbitos por décadas



Fonte: Registos de óbito Santiago 1600-1700

No decurso do século XVII, a paróquia de Santiago registou 972 óbitos (incluindo recém-nascidos, menores de confissão e escravos) e vários ciclos de mortalidade anormal, compatível com o que se passava em toda a mancha urbana, no âmbito das epidemias seiscentistas, com picos pronunciados na curva de óbitos nas décadas de 30 (mais acentuada nas mulheres), em anos sequenciais de mortalidade

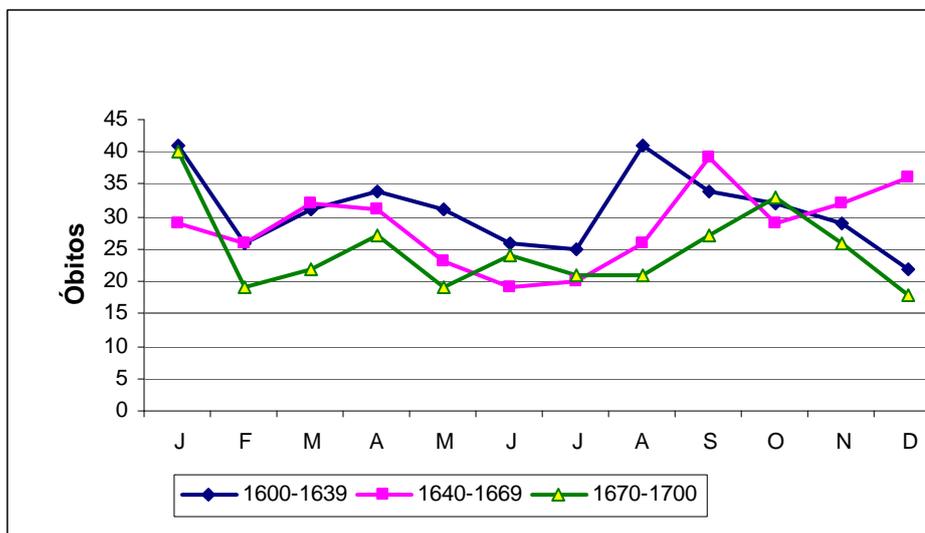
⁸ como foi o caso de Gregório Soares e Vicência Coelho, criados do conde de Aveiras, casados a 24 de Setembro de 1646

extraordinária, bem como as de 40 e 60, sobretudo 62 chegando a atingir os 25 óbitos, num quadro em que a média se situava nos 10 óbitos/ano.

A mortalidade atingiu mais as mulheres, embora ligeiramente, em 52,5%. Quanto à condição, à parte os desconhecidos (414), os que mais morreram eram solteiros, sobretudo mulheres (306), seguindo-se os casados (199) de ambos os sexos, e por fim os viúvos, também mulheres (116).

Quanto à mortalidade infantil não temos valores firmes a comprovar se se enquadrava no comportamento demográfico da época, com valores elevados, uma vez que não dispomos de livros de óbitos só de crianças e a indicação dos menores que constam nos RP constitui menos de 10% do total de óbitos que aparecem dispersos por todo o século, sobretudo a partir da 2ª década, sendo 44 meninos, 32 meninas e 29 de sexo desconhecido, o que nos parece ser um valor subestimado. Os óbitos de escravos, na maioria mulheres (59%) representam somente 4% (39) do total e também poderá ser fruto de sub registo, embora neste caso a diferença na oscilação da curva de óbitos seja menos decisiva que o sub registo de crianças.

Gráfico VII – Sazonalidade dos Óbitos



Fonte: Registos de Óbito Santiago (1600-1700)

Quanto à sazonalidade, os meses em que a mortalidade se revelou mais agressiva foram os de Janeiro e Setembro, correspondendo ao Inverno e ao final do Verão, enquanto que o menor número de mortes ocorreu nos meses de Junho e Julho.

A maioria dos indivíduos falecidos em Santiago (64%) foi sepultado na igreja e no adro (22), (mais na segunda metade do século, na sua maioria menores, forasteiros ou pobres).

Na cova da fábrica da igreja, no interior do templo, foram inumados 41⁹ indivíduos, sobretudo de origem desconhecida, muitos com a indicação de “menor”, “filha de”, “filha famílias” e foram depositados “do cruzeiro para dentro defronte da capela de São Lucas”, “da grade do cruzeiro para dentro” ou “junto ao altar da Capela do Senhor.”

Mas não foi só a paróquia a acolher os seus falecidos, por disposição testamentária o convento da Santíssima Trindade foi a última morada de alguns paroquianos¹⁰ bem como a Santa Casa da Misericórdia,¹¹ entre outras capelas e conventos. O hábito de testar esteve bem presente neste século, com 188 dos 191 testamentos registados na base da paróquia reconstituída. Uma das preocupações frequentes neste acto era o local de sepultura que na medida do possível era cumprida, ficando sempre registada a razão da sua impossibilidade como o caso de Clara, (falecida a 13-01-1684, sendo seu testamenteiro o sobrinho João Baptista da Fonseca) que "fez testamento, manda nele ser enterrada na sepultura de sua irmã, na igreja da povoação, contudo, pelo dia ser muito chuvoso, e haver muitas cheias, não estavam os caminhos capazes de enterro, se enterrou por deposito nesta igreja de Santiago das grades para dentro ao pé do altar de Jesus para que dali trasladem seus ossos para a sepultura que ela elegeu”.

Um local que começa a aparecer com frequência a partir de finais dos anos 60 é o Convento de Nossa Senhora da Graça (24 casos), aumentando também os enterramentos no seu cemitério,¹² mas somente dois indivíduos foram levados pelo esquife dos escravos para o cemitério de Sant’Ana. Santo Elói, (22) também era local habitual de enterramento, sobretudo dos grupos privilegiados.¹³ A nobreza quando tinha capela preferia ser aí sepultada como D. Dinis de Melo, Regedor e Bispo da Guarda, que foi sepultado na sua capela em Colares no convento de Santa Ana. D. Fernando Teles da Silva, falecido (a 13 de Janeiro de 1671) sem sacramentos, por “morrer logo de uma estocada”, foi a sepultar aos Marianos.

⁹14 eram naturais de Santiago e 24 de origem desconhecida

¹⁰entre os quais Dom João de Castro Teles.

¹¹ providenciou a sepultura de 4,¹¹ nos últimos 20 anos do século

¹² 15 mulheres, 11 no cemitério.

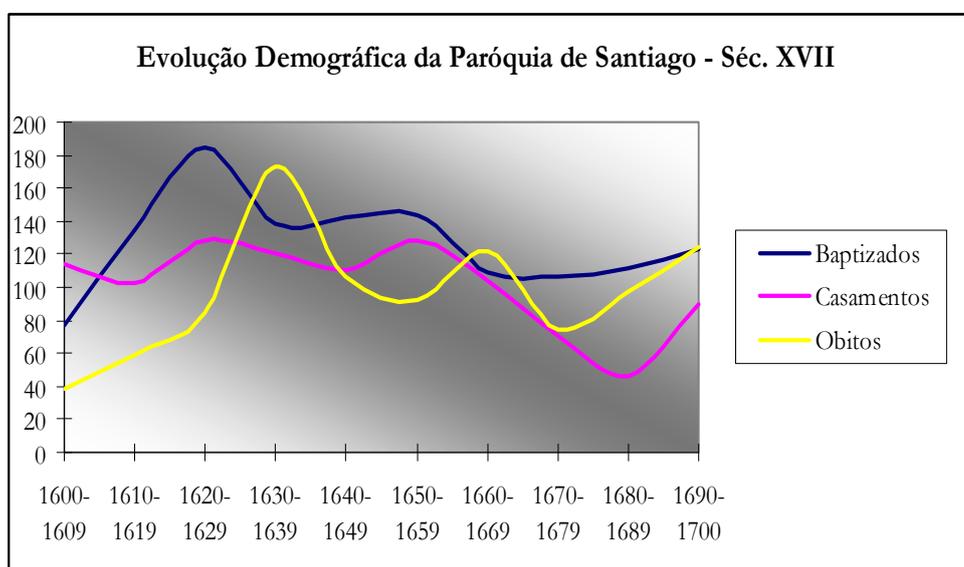
¹³ figurando aí 4 donas e um Professo do Hábito de Avis

As causas de morte são enunciadas poucas vezes, e quando o são deixam transparecer a precariedade e a violência da época. Por acidente foram reportadas 13 mortes, foi o caso de Manuel Jorge, que faleceu em consequência de um acidente no Chão da Feira, acabando por morrer na casa do Dr. Domingos Ferreira Souto, diz ainda o padre "Que de poucos dias tinham vindo do lugar das Marnotas freguesia de Loures termo de Lisboa ocidental, aonde tinham assistido seis meses e para onde vieram da freguesia de Santo António do Tojal, termo de Lisboa".

As epidemias que preenchem os registos em números, são escassamente nomeadas, aparecendo uma referência nos conturbados anos de 1661-63, a um caso de bexigas, entre as muitas mortes desses anos.

4. Evolução demográfica da Paróquia de Santiago no decurso do Século XVII

Gráfico VIII



Fonte: Registos Paroquiais Santiago (1600-1700)

Quadro III - Evolução demográfica da Paróquia de Santiago no decurso do Século XVII

Anos	Baptizados	Casamentos	Óbitos
1600-1609	77	114	39
1610-1619	135	102	59
1620-1629	184	128	84
1630-1639	139	120	173
1640-1649	142	110	106
1650-1659	144	128	92
1660-1669	109	104	122
1670-1679	107	70	74
1680-1689	111	46	98
1690-1700	123	90	125

Fonte: Registos Paroquiais de Santiago (1600-1700)

A paróquia de Santiago no século XVII viveu as vicissitudes que a cidade viveu, envolta numa conjuntura de instabilidade gerada por crises económicas, sociais e políticas que propiciaram crises de mortalidade variável.

O início do século XVII é marcado pelo crescimento populacional, atingindo nos anos 20 os valores mais elevados de nupcialidade e natalidade (128 casamentos e 184 baptizados) em face a uma década de mortalidade em subida numa conjuntura de maus anos agrícolas, carestia, epidemias e tensão urbana. Não obstante esta ter sido uma crise de mortalidade extraordinária, que atingirá os valores mais elevados de uma centúria marcada por três décadas excedentárias em óbitos, já identificadas por Teresa Rodrigues (1630-39, 1660-1669 e 1690-99).

No final da década de 20 há uma densificação de factores que elevam a mortalidade, relacionando-se talvez com o surto de difteria, com os livros de óbito repletos de crianças, escravos e pessoas idosas.

A morte de peste também está bem identificada, terá iniciado em Outubro até final do ano anterior e retomado no Verão de 30, prolongando-se até 1632, incidindo sempre nos mesmos segmentos da população, embora as crianças fossem mais atingidas no Verão. No entanto, este enquadramento não afectou sobremaneira as concepções e os casamentos que não assinalaram um decréscimo considerável

Foi o ano de 1636 que registou maior número de mortes – sobretudo nos meses de Abril, Julho e Agosto – acompanhado de uma descida acentuada da natalidade.

A partir da 2ª metade do século há uma diminuição acentuada da nupcialidade, que só retomará suavemente no final do século. Esta baixa é acompanhada de uma ligeira baixa de concepções, já em decréscimo desde os anos 30 e que estabilizam nos anos 60.

A fome e a guerra são factores muito marcantes e condicionantes neste período, estando reportados numerosos casos desta instabilidade como o registo de um soldado que em 1663 veio doente da outra banda para casa de Isabel de Almeida, onde acabou por morrer. 1662 marca o último grande pico de mortalidade do século na freguesia, com a curva de concepções e de casamentos a acompanhar, e posteriormente a assinalar intercaladamente com anos mais positivos, mas que não atingirão os valores da 1ª metade do século, mesmo que a mortalidade actue de forma mais suave.

De facto os mecanismos de reposição de efectivos estritamente ligados ao matrimónio, que num quase imutável cenário de crise, agravado a meio do século por um estado de guerra que se prolongou por mais de duas décadas e que entravaria a fundação de novas unidades familiares, são visivelmente abalados a partir dos anos 70. Ainda assim os baptizados perante ciclos de saldos fisiológicos negativos, mantêm globalmente valores relativamente equilibrados.

Tudo isto numa estrutura populacional de composição social muito variada, impregnada de indivíduos de fora, aí se estabelecendo vindos de outras partes da cidade, do reino e do mundo – muito embora o número de estrangeiros fosse diminuto. Uma paróquia com grande peso de nobres e cargos oficiais como desembargadores, juizes, meirinhos, militares, padres e oficiais largamente coadjuvados por serviçais que podiam ir desde o simples criado e escravo, à ama, pagem, homem de esporas, ou de pé, Cocheiro, Escudeiro e Cozinheiro.

Santiago atravessa os anos de seiscentos e as suas atribuições conseguindo de uma forma ou de outra manter de maneira geral a sua estrutura social. São no entanto já indicadores de uma mudança os números que os registos paroquiais apresentam para a última década – que são uma inversão em relação à primeira. E que, pelo que eles significam em termos de reposição de efectivos, não seria uma mudança de carácter positivo.

Bibliografia

ANDRADE, Ferreira - *A Freguesia de Santiago : subsídios para a história das suas ruas, edifícios e igreja paroquial*, Lisboa : [s.n.], 1948-1949.

LOURENÇO, Ana Cristina - *Freguesia de Santiago*: Lisboa : Contexto, 1993.

RODRIGUES, Teresa – *Crises de Mortalidade em Lisboa Séculos XVI e XVII*, Livros Horizonte, Lisboa, 1990.